

ESTILOS COMUNICATIVOS MATERNOS EM INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ: UM ESTUDO LONGITUDINAL

MATERNAL COMMUNICATION STYLES IN MOTHER-BABY INTERACTION: A LONGITUDINAL STUDY

Fabíola de Sousa Braz Aquino (UFPB)

fabiolabrazaquino@cchla.ufpb.br

<https://orcid.org/0000-0002-8854-8577>

Nádia Maria Ribeiro Salomão (UFPB)

nmrs@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-1305-7762>

Laísy de Lima Nunes (UNIR)

laisynunes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4673-6289>

RESUMO: No contexto interativo mãe-bebê, os estilos comunicativos maternos são fundamentais para a formação e o desenvolvimento da cognição social infantil e de formas interacionais mais complexas, assim como a aquisição da linguagem. Realizou-se uma pesquisa longitudinal, analisando os estilos de comunicação materna em interações mãe-bebê aos 6, 9 e 12 meses do primeiro ano de vida. Participaram seis díades, observadas durante 20 minutos em ambiente natural em situação de brincadeira livre. A análise dos estilos de fala materna permitiu verificar que os estilos de fala diretivos, assertivos e solicitações foram mais frequentes. Durante as interações com os bebês, foram observadas mudanças nos estilos de falas e atos sociocomunicativos maternos. Nessas interações, os gestos maternos foram importante ferramenta nas trocas comunicativas. Defende-se que estudos longitudinais favorecem o acompanhamento de mudanças nos estilos de fala materna, impulsionadas pelo desenvolvimento sociocomunicativo da criança, podem levantar indicadores de possíveis problemas na linguagem e nortear estratégias de intervenção precoce.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação mãe-criança; interação social; linguagem.

ABSTRACT: In the mother-baby interactive context, maternal communicative styles are fundamental for the formation and development of child social cognition and more complex

interactional forms, as well as language acquisition. A longitudinal research was carried out, analyzing maternal communication styles in mother-infant interactions at 6, 9 and 12 months of the first year of life. Six dyads participated, observed during 20 minutes in a natural environment in a situation of free play. The analysis of maternal speech styles allowed us to verify that direct, assertive speech styles and requests were more frequent. During the interactions with the babies, changes in speech styles and maternal sociocommunicative acts were observed. In these interactions, maternal gestures were an important tool in communicative exchanges. It is advocated that longitudinal studies favor the monitoring of changes in maternal speech styles, driven by the sociocommunicative development of the child, can raise indicators of possible problems in language and guide strategies of early intervention.

KEYWORDS: *mother child communication; social interaction; language.*

1 Introdução

Esse estudo apresenta e analisa parte dos resultados do trabalho de tese da primeira autora, que teve como principal objetivo aprofundar a compreensão acerca da dimensão sociocomunicativa da linguagem e suas possíveis relações com contextos interativos de atenção conjunta. Do conjunto das análises de interações entre mãe-bebê aos 6, 9 e 12 meses de vida, será dado o foco nos estilos de comunicação materna utilizados durante as interações.

Compartilha-se, entre os pesquisadores que se debruçam sobre a referida temática, a premissa de que as primeiras redes de interações que se estabelecem são parte essencial da construção de habilidades sociocognitivas que têm seu ponto de partida na infância (AQUINO; SALOMÃO, 2011; MIMÉAU; CANTIN; TREMBLAY; BOIVIN; DIONNE, 2020; NUNES; AQUINO; SALOMÃO, 2018; NUNES; SALOMÃO, 2021; TAMIS-LEMONDA; KUCHIRKO; SONG, 2014). Há nessas primeiras redes de interações estabelecidas entre bebês e adultos uma gama de habilidades que dão suporte ao desenvolvimento de potencialidades tipicamente humanas, tal como a capacidade de apreender significados pelo compartilhar de atividades culturalmente construídas (LISZKOWSKI, 2018; TOMASELLO, 2003, 2019; VYGOTSKY, 1996).

Entre as novas habilidades infantis, ressalta-se o significado conferido aos elementos pré-verbais como formas primárias de comunicação. Nas interações sociocomunicativas estabelecidas entre bebês e adultos, as características de ambos os membros da díade influenciam, de forma recíproca, o curso da interação. Nesse tipo de contexto, a presença de um outro membro mais experiente da relação auxilia na regulação e atribuição significados de

ações do bebê, aspecto imprescindível à compreensão dos atos comunicativos e intencionais (CAMARGO; SALOMÃO; AQUINO; NUNES, 2015; DIMITROVA; ÖZÇALISKAN; ADAMSON, 2016; SALO; REEB-SUTHERLAND; FRENKEL; BOWMAN; ROWE, 2019).

Em pesquisa realizada com mães de bebês aos 4 e aos 9 meses de vida, Nunes (2014) verificou que os comportamentos comunicativos do bebê são percebidos, pela mãe, como pistas para que ela os interprete como demonstrações de necessidades, vontades e emoções, e responda a eles de forma adequada. Conforme indicado, as habilidades sociocognitivas de bebês, já no primeiro ano de vida, estão alicerçadas em contextos interativos mãe-bebê. Nesses contextos, a mediação linguística e os estilos de comunicação materna também se configuram como fundamentais para o desenvolvimento da cognição social infantil e de formas de interação mais complexas, tais como as que ocorrem em contextos triádicos (adulto-objeto-criança).

Os aspectos funcionais ou pragmáticos da fala materna, aqueles que englobam a intenção materna na fala dirigida à criança e a percepção dos bebês como seres ativos na conversação, são fatores importantes para o estudo do desenvolvimento da comunicação. Pesquisas, como a de Hirsh-Pasek et al. (2015), demonstraram a relação entre a qualidade do input, medida pela sincronia e reciprocidade das interações mãe-bebê e o desenvolvimento linguístico, assinalando a importância do contexto social.

A linguagem dirigida às crianças pequenas, seja por adultos ou irmãos mais velhos, é mais simples sintaticamente, mais limitada em vocabulário e mais fluente. Acrescenta-se que o uso de diferentes funções ou estilos comunicativos se modifica de acordo com o desenvolvimento da criança, e que as falas das mães são ajustadas através de respostas comportamentais e afetivas dos bebês (MIMEAU et al., 2020). Pesquisadores da interação social dos estudos da linguagem (PINE, 1994; ROWE; SNOW, 2020; SNOW, 1999) afirmam que a motherese ou fala materna ajusta-se às características do bebê pré linguístico, pois, versa sobre aspectos que são familiares e, frequentemente, faz referências ao significado de suas ações. Kitamura e Burnham (2003), ao estudarem as intenções comunicativas da fala materna no primeiro ano de vida do bebê, encontraram que a fala materna apresentou mais palavras de conforto nos primeiros meses, mais aprovações em torno dos 6 meses e mais diretivos aos 9 meses.

Salomão (2012) refere que determinados estilos comunicativos maternos podem favorecer a interação tanto no período pré-linguístico como no período inicial da aquisição da linguagem. Ressalta-se o papel das reformulações, nas interações estabelecidas com crianças

que já apresentam linguagem oral, do feedback, da sintonia e da atenção conjunta como promotores do desenvolvimento. Discute-se também o papel do estilo diretivo no desenvolvimento da linguagem oral, em função da idade e do nível linguístico da criança. Aspectos pragmáticos da fala da mãe incluem a sensibilidade desta para o foco de atenção da criança, e que a fala dirigida aos bebês ainda na fase pré linguística tende a estar relacionada ao foco de atenção da criança ou às suas ações (BORGES; SALOMÃO, 2003; MIMÉAU et al., 2020; TOMASELLO; FARRAR, 1986). Isso ressalta a importância da responsividade ou das respostas contingentes para o desenvolvimento da linguagem.

Considerando a relevância dessa temática para uma maior compreensão acerca das primeiras manifestações da capacidade de comunicação intencional em bebês, o presente artigo teve como objetivo caracterizar, a partir de uma abordagem longitudinal, os estilos de comunicação materna que compõem as interações e trocas comunicativas mãe-bebê aos 6, 9 e 12 meses do primeiro ano de vida.

2 Método

Este estudo adotou uma abordagem longitudinal que possibilitou conhecer tanto as continuidades quanto as mudanças no processo de desenvolvimento dos sujeitos e permitiu compreender a transição desse desenvolvimento em uma estrutura de comunicação compartilhada, a partir da análise da dinâmica das interações e, particularmente, dos estilos de comunicação materna.

Seis díades mãe-bebê participaram da pesquisa. As mães tinham idade média de 27,7 anos, eram casadas, moravam em suas próprias residências e possuíam nível de instrução a partir do ensino superior incompleto. Quatro eram primíparas e duas tinham um filho além do bebê que participou do estudo. Os bebês tinham, inicialmente, 6 meses de idade, e 9 e 12 meses nas etapas seguintes. Três eram do sexo masculino e três do sexo feminino. Segundo relato das mães, os bebês não apresentaram problemas de saúde e nasceram a termo (idade gestacional maior que 38 semanas).

Para realização das observações, foram utilizados câmera de vídeo, cronômetro, lápis e papel. As díades foram observadas em suas residências, em situação de brincadeira livre. O contexto de brincadeira constitui um exemplo de troca que ocorre comumente entre a mãe e a criança, permitindo que a mãe tenha mais liberdade para escolher quando realizar uma tarefa e

tentar adaptá-la ao nível de compreensão do bebê (COSTA; ALEXANDRINO; ALBUQUERQUE; AQUINO, 2020). A realização de diversas visitas para observação e registro das interações mãe-bebê, dado o delineamento longitudinal, pode oferecer à díade a oportunidade de se familiarizar com a presença da câmera e então agir o mais naturalmente possível.

Sobre o procedimento para coleta de dados, inicialmente, o projeto de pesquisa da tese que originou este artigo foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Federal da Paraíba. Após aprovação, o contato com cada díade participante foi feito a partir da indicação de colegas que conheciam mães e bebês que se enquadravam nos critérios adotados, quais sejam: díades mãe-bebê com as crianças na idade inicial de 6 meses, sendo as mães casadas, residentes em seus próprios domicílios e com nível de instrução a partir do ensino médio completo. Além disso, optou-se por estudar mães primíparas e aquelas que tinham apenas um filho além do bebê que participou da pesquisa.

O primeiro contato foi realizado por telefone e agendada a ida à casa da díade. Na primeira visita, a pesquisadora expôs os objetivos do estudo e solicitou o consentimento para a realização dos registros das interações com o uso do vídeo. Nessa visita, foi assinado o termo de consentimento livre e esclarecido e, conforme disponibilidade da mãe, foi realizada a primeira observação. Às mães foram dadas duas instruções: que “brincassem com seus filhos da maneira como faziam usualmente” e que “evitassem ficar de costas para a câmera tanto a mãe quanto o bebê”. Esta última solicitação foi feita para garantir a captação mais precisa possível dos conteúdos verbais e não-verbais que emergiam das interações. Foi ainda solicitado que durante as sessões de observação estivessem apenas presentes a pesquisadora, a mãe e o bebê para evitar interferências ou interrupções das interações naquele contexto.

As díades foram observadas duas vezes a cada três mês, com intervalo médio de 15 dias em cada etapa, iniciando aos 6 meses de idade do bebê, depois aos 9 meses e concluindo aos 12 meses. Em cada momento evolutivo as díades foram observadas durante 20 minutos, dos quais, 10 foram transcritos literalmente para análise, sendo desconsiderados os cinco primeiros e os cinco últimos minutos.

O processo de análise dos dados iniciou-se com as transcrições das videograções de cada sessão das interações. Em uma segunda etapa, as sessões de cada díade, já transcritas, foram revistas com o intuito de identificar trechos da interação em que pudessem ser observadas as ações maternas utilizadas para envolver os bebês na interação. Em seguida, foi iniciada a

etapa de levantamento na literatura das categorias de análise a serem adotadas. A partir desse levantamento foi iniciado o processo de categorização dos estilos de comunicação materna dirigida ao bebê.

Para verificar a fidedignidade da codificação, 20% do material foi analisado por um segundo codificador para que fosse obtido o índice de concordância das categorias analisadas. A escolha dos protocolos para a análise do segundo codificador deu-se por sorteio, sendo codificados pelos mesmos seis protocolos divididos igualmente por grupo de idade e sexo dos bebês. A partir dessa comparação, obteve-se 87% de concordância das categorias. Desse modo, foram definidos dois eixos temáticos sobre os tipos de participação das mães nos episódios interativos com os bebês, a saber: estilos de fala materna e atos sociocomunicativos maternos dirigidos aos bebês.

a) Fala materna: quando a mãe dirige ao bebê palavras e frases para lhe comunicar algo, podendo ou não utilizar padrões peculiares de entonação, frequentemente para chamar a atenção do bebê para ela ou para aspectos do contexto. A fala materna foi subdividida em 13 categorias: 1) atribuição de significado e/ou intencionalidade às ações do bebê (ex. “tá tristinho é bebê?”, “ô... tá com soninho...”; “você só quer brincar com essa motoca”; “qué mais não..., “você quer colocar isso aqui é?”); 2) diretivos (ex. “vá! Vá pegar vá!”; “coloque esse aqui aqui...”); 3) assertivos (ex. “esse aqui é o seu cavalinho”); 4) solicitação (ex. “vamos brincar de que agora?”); 5) feedback (ex. “isso!!!! muito bem filha!!!”); 6) vocalizações com brinquedos (ex. “brummm, brummm”; “bibit... bibit...; tick tick tick”); 7) imitação (aproximação da vocalização da criança (ex. “ba-ba”); 8) reconhecimento (comentário que preenche uma “conversa” como se a criança estivesse querendo dizer algo (ex. “é mesmo?... sim... sim...”); 9) comentário (“mamãe esqueceu de pegar uma fraldinha...”); 10) reformulação (o adulto repete modificando, enriquecendo ou corrigindo o enunciado infantil); 11) onomatopéias (“miau...miau...; pocotó, pocotó...”); 12) cantar: quando um dos membros inicia uma música que é compartilhada ou não pelo parceiro; 13) fala em falsete: uso de entonação marcada durante interação com o bebê, dando voz aos brinquedos, ao bebê e durante os diálogos.

b) Atos sociocomunicativos maternos dirigidos aos bebês: além das falas, foram identificados outros comportamentos sociocomunicativos maternos direcionadas ao bebê. Esses atos foram divididos em 14 categorias: 1) apontar para objetos; 2) mostrar objetos; 3) demonstrar ações; 4) oferecer brinquedos; 5) seguir o olhar do bebê; 6) tocar o bebê com brinquedos; 7) aproximar brinquedos do bebê; 8) imitar gestos do bebê; 9) impedir ações do

bebê; 10) observar ações do bebê; 11) sorrir para o bebê, 12) demonstrar afeto; 13) fazer expressões faciais; e 14) projetar a face em direção à face do bebê.

3 Resultados e discussão

A partir das análises, apresenta-se uma síntese e discussão dos principais estilos de fala e atos sociocomunicativos maternos dirigidos aos bebês em interações, nos três grupos de idade. Todavia, cabe, inicialmente, retomar de maneira sucinta os principais resultados relacionados aos comportamentos comunicativos dos bebês apresentados em publicação anterior (AQUINO; SALOMÃO, 2011) a fim de contextualizar os cenários e os aspectos bidirecionais das interações nas quais as ações maternas estavam inseridas. Em seguida, são apresentados os estilos de fala materna dirigida aos bebês aos 6, 9 e 12 meses de idade, e o conjunto de estratégias sociocomunicativas utilizadas pelas mães durante as interações com os bebês.

Conforme resultados da pesquisa acima referida, aos 6 meses, o conjunto de ações e respostas dos bebês às mães evidenciou habilidade de comunicação, responsividade aos chamados da mãe, o que pode indicar que já nessa idade os bebês demonstraram indícios da habilidade de interpretar um ato comunicativo do adulto. Nesse mesmo período do desenvolvimento, os bebês exibiram comportamentos sociocomunicativos como: olhar e sorrir para a mãe enquanto manuseavam brinquedos nas interações; estender os braços em direção a brinquedos; seguir o deslocamento de objetos; seguir o gesto de apontar da mãe para objetos próximos. Aos 9 meses, foram observadas habilidades comunicativas que incluíram alternância do olhar entre a mãe e um brinquedo; imitação de gestos maternos; bater palmas e olhar para a mãe espontaneamente; pegar brinquedo da mãe e vocalizar; olhar para a mãe e vocalizar, e responder às solicitações maternas utilizando gestos adequadamente.

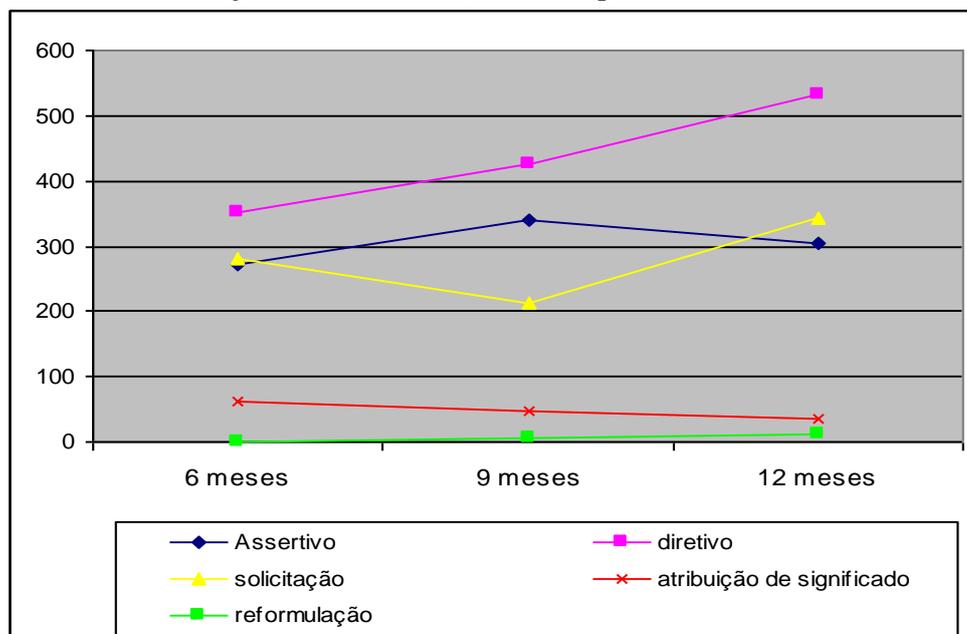
Quando esses bebês alcançaram os 12 meses, foram observados comportamentos mais complexos nas interações com as mães, tais como: ocorrência de alternância do olhar e vocalização; compreensão por parte dos bebês das ações do outro; ajustes de papéis entre o bebê e a mãe; ações iniciadas voluntariamente denotando, em parte das interações, relações meio-fim. Ainda segundo Aquino e Salomão (2011), foram observados comportamentos como: seguir o deslocamento de objetos, nos três períodos analisados; mudança gradativa e complexidade no comportamento de alternar o olhar, alternância do olhar entre o objeto e a mãe, e seguir o apontar da mãe, aos 9 e 12 meses, resultados descritos em outras pesquisas com

bebês nessas idades (DEL BIANCO; FALCK-YTTER; THORUP; GREDEBÄCK, 2019; CAMARGO; SALOMÃO; AQUINO; NUNES, 2015; CARPENTER, 2010; TOMASELLO; CARPENTER, 2007).

Marcadamente aos 12 meses, os bebês demonstraram habilidades comunicativas e sociocognitivas como: iniciar interações com a mãe, realizar ações que demonstram uma relação meio-fim e imitação de gestos da mãe no uso de objetos. Esses comportamentos e habilidades foram entendidos como formas mais complexas de comunicação, e indicaram a habilidade do bebê de compartilhar metas da mãe nas interações estabelecidas (BOUNDY; CAMERON-FAULKNERB; THEAKSTON, 2016; LISZKOWSKI, 2018; TOMASELLO; CARPENTER; CALL; BEHNE; MOLL, 2005).

É necessário assinalar que os comportamentos dos bebês nesse estudo são analisados de forma recíproca, dinâmica e mutuamente relacionados aos comportamentos e estilos comunicativos maternos. Salienta-se, para o presente artigo, o conjunto de estilos de fala materna bem como os atos sociocomunicativos mais utilizados pelas mães nas interações com seus bebês aos 6, 9 e 12 meses de vida. Os principais resultados da análise dos estilos de fala materna e suas variações nos três grupos de idade são exibidos na Figura 1, seguidos dos atos sociocomunicativos maternos concomitantes aos estilos de fala materna.

Figura 1 - Gráfico referente à frequência dos estilos de fala materna utilizados durante as interações com os bebês, em cada período observado



Fonte: Elaborado pela primeira autora (2008).

Conforme disposto na Figura 1, foram mais frequentes os estilos de fala diretivos, os assertivos e as solicitações. Pelas interações observadas pode-se sugerir que esses tipos de fala foram dirigidos aos bebês na tentativa de redirecionar a atenção breve destes para objetos (diretivos), ou para tentar obtê-la por meio de perguntas (solicitações). As atribuições de significado, mais frequentes no grupo de mães de bebês aos 6 meses, decrescem principalmente aos 12 meses. Isso ocorreu provavelmente devido à utilização, por parte dos bebês, de vocalizações mais aproximadas ao rótulo linguístico formal (“miau”; “dá”; “au-au”; “mamã”; “bruummm”; “uiss”; “nã”), bem como das formas de comunicação não-verbal mais intencionalmente dirigidas à mãe.

Enquanto as atribuições de significados, da mãe, às ações e vocalizações dos bebês ocorreram com maior frequência aos 6 meses, o uso de assertivos variou entre os grupos, e ocorreu mais aos 9 e 12 meses, oportunizando a referência objeto-rótulo linguístico nos momentos em que a mãe mostrava ou apontava para os brinquedos. Sobre as atribuições de significado, autores (SEIDL-DE-MOURA, 1999; SLAUGHTER; PETERSON; CARPENTER, 2009) afirmam que, apesar de ser uma ação comum dos adultos, a frequência e os significados atribuídos sofrem modificações ao longo do tempo e das novas habilidades infantis, o que demonstra o caráter bidirecional das interações mãe-bebê.

Os resultados que demonstram a diminuição das atribuições de significados nas falas maternas ao longo do tempo corroboram dados apresentados por Nunes (2014). De acordo com a autora, foram verificadas diferenças quanto à frequência e ao tipo de significado atribuído pelas mães de bebês de 4 e 9 meses. Os dados sugeriram que, aos 4 meses, os bebês mostram comportamentos menos precisos em relação a cada intenção, cabendo à mãe interpretar mais, ao passo que, a partir dos 9 meses, os bebês já apresentam comportamentos mais volitivos, relacionados à habilidade de comunicação intencional, que marca significativamente o desenvolvimento no último trimestre do primeiro ano de vida.

Na presente pesquisa, observou-se ainda o uso de reformulações da fala materna das emissões dos bebês. Tais reformulações ocorreram a partir do maior número de iniciativas vocais dos mesmos aos 12 meses. Estudos sobre a temática (BORGES; SALOMÃO, 2003; KUCHIRKO; TAFURO; TAMIS-LEMONDA, 2018; ROWE; SNOW, 2020; SALOMÃO, 2012) evidenciam que as respostas maternas contingentes aos enunciados infantis apresentam

um efeito facilitador, que auxilia na aprendizagem de novas construções sintáticas por parte das crianças e predizem o vocabulário em estágios posteriores.

Cabe ainda pontuar que nas interações aqui analisadas, todos os estilos de fala materna sofreram variações em função de contextos específicos das interações em cada período observado, dos diferentes tipos de brinquedos, do tipo de envolvimento dos bebês em cada sessão e da idade dos mesmos. Ressalta-se ainda uma variação intragrupo de estilos e estratégias sociocomunicativas maternas, em cada período estudado. Características das mães tais como temperamento, expectativa acerca das habilidades sociocomunicativas dos bebês e a responsividade aos comportamentos e modalidades comunicativas dos bebês durante a interação são fatores que ajudam na explicação dessas variações.

No que tange aos atos sociocomunicativos das mães direcionados aos bebês, em cada grupo de idade, a análise dos protocolos de observação permitiu destacar variações nos comportamentos maternos. Prevaleram no comportamento das mães em interação com os bebês aos 6 meses, atos como: mostrar objetos próximos à face do bebê; apontar para objetos próximos à face do bebê; mexer os braços do bebê para os lados, sorrindo para ele; consolar o bebê quando este chorava; fazer cócegas no bebê; pegar objetos das mãos do bebê, colocar o bebê de frente para ela e responder às emissões do bebê. É importante mencionar que as mães, principalmente nesse grupo de idade, buscavam constantemente estabelecer o contato visual com os bebês, usavam a fala em falsete, davam voz ao bebê, chamavam o bebê pelo nome, sorriam para o bebê, ofereciam brinquedos ao bebê, acompanhavam o seu olhar e demonstravam afeto através de beijos e afagos, nesses momentos acompanhados por uma entonação de voz suave.

Aos 9 meses, destacam-se os comportamentos maternos de imitar as vocalizações do bebê, mostrar objetos ao bebê, dar voz a brinquedos, aproximar o brinquedo do bebê, apontar para objetos e fazer brincadeiras de antecipação. O ato de apontar, das mães, em interação com os bebês de 12 meses, ocorreu em todas as seis mães observadas. Nesse grupo, o ato de apontar dirigia-se a objetos nem sempre próximos aos brinquedos que estavam no campo visual mais imediato do bebê. Além desse ato, foram observados os comportamentos de entregar objetos ao bebê, imitar gestos do bebê, impedir ações, demonstrar como realizar algo e manipular objetos alternando o olhar entre o bebê e um brinquedo (situações em que a “mediação instrucional” foi bastante evidente).

Considera-se importante mencionar que o ato de apontar, das mães, em interação com os bebês na idade de 12 meses diferenciou-se do apontar, das mães, quando os bebês estavam com 6 meses, ocasião em que o ato de apontar da mãe indicou objetos próximos à face do bebê. Essas modificações do ato de apontar podem ser resultado das habilidades evidenciadas pelos bebês, aos 9 e 12 meses, de seguir o gesto de apontar e seguir o olhar da mãe para objetos, comportamentos que evidenciam uma forma qualitativamente superior de comportamentos de atenção conjunta, não observados em bebês aos 6 meses. Outro aspecto a ser considerado refere-se à natureza do gesto de apontar em cada período do desenvolvimento e seus contextos de uso. Dito de outra forma, as configurações do ato de apontar demonstram que o mesmo serve a diferentes funções ao longo do desenvolvimento (CAMARGO et al., 2015; COLONNESI; STAMS; KOSTER; NOOM, 2010; LISZKOWSKI; TOMASELLO, 2011; MUMFORD; KITA, 2016; SALO et al., 2019).

Destacam-se ainda como modalidades sociocomunicativas, as pistas faciais, vocais e gestuais tais como mostrar objetos, deslocar objetos, alterar entonação de voz (fala em falsete), aproximar-se e se afastar da face do bebê, sempre sorrindo para ele, apontar para objetos próximos e distanciados do campo visual do bebê, mexer partes do corpo do bebê, dar voz a brinquedos e ao bebê, buscar constantemente estabelecer o contato visual, usar onomatopéias, pedir, entregar e oferecer objetos, imitar vocalizações do bebê, dentre outras estratégias interativas que possuem um papel central na comunicação e favorecem o desenvolvimento de formas de comunicação intencional.

Esses aspectos da interação têm sido explorados por pesquisadores (DEÁK; KRASNO; JASSO; TRIESCH, 2017; KUCHIRKO et al., 2018; SALO et al., 2019; STRIANO; LISZKOWSKI, 2005) cujo interesse recai sobre os recursos sociocomunicativos utilizados pelas mães em interação com bebês, e o papel de tais recursos enquanto fundamentais para o desenvolvimento de formas mais complexas de cognição social. Autores como Hobson (2007) assinalam esse conjunto de comportamentos como facilitadores do engajamento intersubjetivo e da identificação crescente da criança com o parceiro comunicativo. Para ele, a coordenação de sentimentos que ocorre em contextos intersubjetivos evidenciados corporalmente (expressões faciais, gestos, vocalizações com entonações emocionais) têm o poder de afetar o bebê e promover uma “ligação interpessoal” que é um componente fundamental para o estabelecimento da atenção conjunta.

Bono e Stifter (2003) referem que, dentre as estratégias utilizadas pelas mães para manter e sustentar o foco de atenção dos bebês nas interações, podem ser mencionadas, geralmente, o uso de perguntas dirigidas aos bebês, diretivos, descrições de características dos objetos envolvidos na interação (assertivos), uso do gesto de apontar para objetos que estavam bem próximos à face dos bebês, delimitando aspectos particulares de um objeto, e outras manipulações físicas que auxiliam no redirecionamento e manutenção da atenção da criança para o objeto ou evento para o qual o bebê dirigia sua atenção. As estratégias utilizadas pelas mães para manter a atenção do bebê podem ajudá-lo a lidar de modo mais eficaz com os níveis de estimulação promovidos por ela.

Conforme esses mesmos autores, manipulações de objetos mostrados ao bebê, por exemplo, podem contribuir para desenvolver na criança a motivação e a curiosidade para explorá-los, e auxiliar na regulação da atenção. As estratégias externas demonstradas pelas mães quando manipulam objetos, por exemplo, tornam-se estratégias internas que o bebê leva para outras situações que necessitam da habilidade de atenção. Considera-se relevante assinalar o uso da fala em falsete pela maior parte das mães, com diversas modulações durante as atividades que eram realizadas. Esse tipo de artifício provocava no bebê uma reação quase que instantânea, redirecionando sua atenção para a mãe, sempre que esta utilizava a fala em falsete.

4 Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo caracterizar, a partir de uma abordagem longitudinal, os estilos de comunicação materna que compõem as interações e trocas comunicativas mãe-bebê aos 6, 9 e 12 meses do primeiro ano de vida. Verificou-se que os diretivos, os assertivos e as solicitações foram os estilos de fala materna mais presentes nas interações. Ao longo do desenvolvimento do bebê foram observadas mudanças nos estilos de fala materna, sendo que as atribuições de significados diminuíram ao decorrer das etapas da pesquisa e os diretivos e as reformulações aumentaram. Entre as outras estratégias interativas, evidenciou-se o papel central dos gestos e outros comportamentos maternos como elementos mediadores da comunicação e das interações tanto diádica quanto triádica (adulto-objeto-criança), o que favorece o desenvolvimento de formas de comunicação intencional nos bebês.

As análises apresentadas derivaram de interações em um contexto de brincadeira livre em ambiente natural por se considerar que nele as mães e os bebês, pela familiaridade e pelas

rotinas interativas, poderiam interagir de forma mais espontânea, escolher o espaço da casa considerado pelas mães como mais propício para as sessões, e, principalmente, pelo fato de o contexto facilitar a evocação de situações mais cotidianas. No que tange a esse aspecto, entende-se que a diversidade metodológica adotada para o estudo das interações sociocomunicativas mãe-bebê pode ser um dos elementos que contribuem para o surgimento de novos dados acerca da referida temática, principalmente aqueles relacionados ao período de emergência desses fenômenos da cognição social infantil.

Nesta direção, ressalta-se a importância de futuras pesquisas que verifiquem de que forma o cenário interativo vai se reconfigurando devido às estruturas interativas que emergem de habilidades evidenciadas pelos comportamentos dos bebês, e ainda as contribuições dos estilos sociocomunicativos maternos no desenvolvimento dessas habilidades em bebês, já no primeiro ano de vida, tendo em vista que o surgimento de tais habilidades pode mobilizar, nas mães, configurações interativas antes não instauradas. Como limitações, indica-se o reduzido número de díades participantes, o que inviabiliza conclusões mais gerais sobre o tema. Todavia, devido ao delineamento longitudinal e à análise detalhada, seria difícil incluir mais participantes.

Por fim, ressalta-se a importância do presente estudo para o planejamento de intervenções com mães de bebês, no primeiro ano de vida, que demonstrem indícios de prejuízos na cognição social infantil, marcadamente na aquisição da linguagem e na habilidade de intencionalidade compartilhada. Esta habilidade é uma precursora de formas mais complexas de psiquismo humano, tais como competências e motivações para intencionalidade coletiva e colaborativa entre os sujeitos ao longo do desenvolvimento (TOMASELLO, 2019), cuja constituição é favorecida pela aprendizagem cultural mediada, e o uso subsequente de ferramentas e artefatos culturais diversos, geradores de formas de atuar, sobre o contexto, tipicamente humanas.

REFERÊNCIAS

AQUINO, F. S. B.; SALOMÃO, N. M. R. Habilidades sociocomunicativas de bebês no primeiro ano de vida: um estudo longitudinal. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 50, p. 335-344, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000300006>. Acesso em: 10 maio 2021.

BONO, M. A.; STIFTER, C. A. Maternal attention-directing strategies and infant focused attention during problem solving. *Infancy*, Hoboken, v. 4, n. 2, p. 235-250, abr. 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1207/S15327078IN0402_05. Acesso em: 10 maio 2021.

BORGES, L.; SALOMÃO, N. M. R. Aquisição da Linguagem: considerações da perspectiva da interação social dos estudiosos da linguagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 327-336, ago. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000200013>. Acesso em: 10 maio 2021.

BOUNDY, L.; CAMERON-FAULKNER, T.; THEAKSTON, A. Exploring early communicative behaviours: a fine-grained analysis of infant shows and gives. *Infant Behavior & Development*, [s. l.], v. 44, p. 86-97, ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000200013>. Acesso em: 05 jun. 2023

CAMARGO, J.; SALOMÃO, N. M. R.; AQUINO, F. S. B.; NUNES, L. L. Os gestos na comunicação mãe-bebê: um estudo longitudinal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 652-670, jul. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_42812015000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 mar. 2023.

CARPENTER, M. Prelinguistic communication. In: CUMMINGS, L. (Org.). *The Pragmatics Encyclopedia*. New York: Routledge, 2010. p. 347-349.

COLONNESI, C.; STAMS, G. J. J. M.; KOSTER, I.; NOOM, M. J. The relation between pointing and language development: a meta-analysis. *Developmental Review*, v. 30, p. 352-366, dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.dr.2010.10.001>. Acesso em 23 mar. 2021.

COSTA, A. C. R.; ALEXANDRINO, V. P.; ALBUQUERQUE, J. A.; AQUINO, F. S. B. A brincadeira como promotora da habilidade de comunicação intencional infantil: uma revisão sistemática. *Psico*, Porto Alegre, v. 51, n. 2, e32844, fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2020.2.32844>. Acesso em: 21 maio 2023.

DEÁK, G. O.; KRASNO, A. M.; JASSO, H.; TRIESCH, J. What Leads to Shared Attention? Maternal Cues and Infant Responses During Object Play. *Infancy*, Hoboken, v. 23, n. 1, p. 4-28, ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/infa.12204>. Acesso em: 23 maio 2023.

DEL BIANCO, T.; FALCK-YTTER, T.; THORUP, E.; GREDEBÄCK, G. The Developmental Origins of Gaze-Following in Human Infants. *Infancy*, Hoboken, v. 3, n. 24, p. 1-22, maio/jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/infa.12276>. Acesso em: 21 maio 2023.

DIMITROVA, N.; ÖZÇALISKAN, S.; ADAMSON, L. B. Parents' translations of child gesture facilitate word learning in children with autism, down syndrome and typical development. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, Berlin, v. 46, n. 1, p. 221-231, jan. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-015-2566-7>. Acesso em: 07 ago. 2021.

HIRSH-PASEK, K.; ADAMSON, L. B.; BAKEMAN, R.; OWEN, M. T.; GOLLINGOFF, R. M.; PACE, A.; YUST, P. K. S.; SUMA, K. The contributions of early communication quality

Organon, Porto Alegre, v. 38, n. 76, jul/dez. 2023.

DOI: 10.22456/2238-8915.135070

to low-income children language success. *Psychological Science*, Thousand Oaks, v. 26, n. 7, 1071-1073, jul. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0956797615581493>. Acesso em: 07 ago. 2021.

HOBSON, R. P. What puts the jointness into joint attention? In: EILAN, N.; HOERL, C.; MACCORMACK, T.; ROESSLER, J. (Org.). *Joint attention: communication and other minds: Issues in philosophy and psychology*. New York: Oxford, 2007. p. 185-204.

KITAMURA, C.; BURMHAM, D. Pitch and communicative intent in mother speech: adjustments for age and sex in the first year. *Infancy*, Hoboken, v. 4, n. 1, p. 85-110, jan. 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1207/S15327078IN0401_5. Acesso em: 07 ago. 2021.

KUCHIRKO, Y.; TAFURO, L.; TAMIS-LEMONDA, C. Becoming a communicative partner: infant contingent responsiveness to maternal language and gestures. *Infancy*, Hoboken, v. 23, n 4, p. 558-576, jul./ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/infa.12222>. Acesso em: 08 ago. 2021.

LISZKOWSKI, Ulf. Emergence of shared reference and shared minds in infancy. *Current Opinion in Psychology*, [s. l.], v. 23, p. 26-29, out. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.11.003>. Acesso em: 08 ago. 2021.

LISZKOWSKI, U.; TOMASELLO, M. Individual differences in social, cognitive, and morphological aspects of infant pointing. *Cognitive Development*, [s. l.], v. 26, p. 16-19, jan./mar.2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cogdev.2010.10.001>. Acesso em: 08 ago. 2021.

MIMEAU, C.; CANTIN, E.; TREMBLAY, R. E.; BOIVIN, M.; DIONNE, G. The bidirectional association between maternal speech and child characteristics. *Journal of Child Language*, Cambridge, v. 47, p. 435-456, mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0305000919000539>. Acesso em: 07 jun. 2023.

MUMFORD, K. H.; KITA, S. At 10–12 months, pointing gesture handedness predicts the size of receptive vocabularies. *Infancy*, Hoboken, v. 21, n. 6, p. 751-765, nov./dez.2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/infa.12138>. Acesso em: 04 jun. 2021.

NUNES, L. L. *Habilidades de comunicação intencional de bebês no primeiro ano de vida: um estudo a partir das percepções maternas*. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, João Pessoa, 2014.

NUNES, L. L.; AQUINO, F. S. B.; SALOMÃO, N. M. R. Concepções Parentais sobre Intencionalidade Comunicativa em Bebês aos 3 e 6 Meses. *Psico-USF*, Campinas, v. 23, n. 1, p. 71-82, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230107>. Acesso em: 07 jun. 2023.

NUNES, L. L.; SALOMÃO, N. M. R. “Por que meu bebê age assim?”: estudo sobre concepções parentais. *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v.15, e30709, maio 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2021.v15.30709>. Acesso em: 08 jun. 2023.

PINE, J. M. The language of primary caregivers. In: CALLAWAY, C.; RICHARDS, B. J. (Org.). *Input and interaction in language acquisition*. London: Cambridge University Press, 1994. p. 15-37.

ROWE, M. L.; SNOW, C. Analysing input quality along three dimensions: interactive, linguistic, and conceptual. *Journal of Child Language*, Cambridge v. 47, n. 1, p. 5-21, jan. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0305000919000655>. Acesso em: 08 jun. 2023.

SALO, V. C.; REEB-SUTHERLAND, B.; FRENKEL, T. I.; BOWMAN, L. C.; ROWE, M. L. Does Intention Matter? Relations between Parent Pointing, Infant Pointing, and Developing Language Ability. *Journal of Cognition and Development*, United Kingdom, v. 20, n. 5, p. 635-655, jul. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15248372.2019.1648266>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SALOMÃO, N. M. R. A fala dirigida à criança. In: PICCININI, C.; ALVARENGA, P. (Org). *Maternidade e Paternidade: a parentalidade em diferentes contextos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 151-167.

SEIDL-DE-MOURA, M. L. *Interações iniciais e seu papel no desenvolvimento: uma contribuição ao estado da gênese da atividade mediada*. 1999. Tese de Livre Docência (Psicologia). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação, Rio de Janeiro, 1999.

SLAUGHTER, V.; PETERSON, C. C.; CARPENTER, M. Maternal mental state talk and infants' early gestural communication. *Journal of Child Language*, Cambridge, v. 36, p. 1053-1074, nov. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0305000908009306>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SNOW, C. E. Social perspectives on the emergence of language. In: MACWHINNEY, B. (Org.) *The emergence of language*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1999. p. 257-276.

STRIANO, T.; LISZKOWSKI, U. Sensitivity to facial expression in the still face context by 3-, 6-, and 9-month-old infants. *Infant Behavior and Development*, Amsterdam, v. 28, n. 1, p. 10-19, mar. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2004.06.004>. Acesso em: 15 mar. 2021.

TAMIS-LEMONDA, C. S.; KUCHIRKO, Y.; SONG, L. Why is infant language learning facilitated by parental responsiveness? *Current Directions in Psychological Science*, Washington, v. 23, n. 2, p. 121-126, abr. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0963721414522813>. Acesso em: 12 ago. 2021.

TOMASELLO, M. *Becoming Human: A Theory of Ontogeny*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOMASELLO, M.; CARPENTER, M. Shared intentionality. *Development Science*, Hoboken, v. 10, n. 1, p. 121-125, jan. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-7687.2007.00573.x>. Acesso em: 10 ago. 2021.

TOMASELLO, M.; CARPENTER, M.; CALL, J., BEHNE, T.; MOLL, H. Understanding and sharing intentions: the origins of cultural cognition. *Behavioral and Brain Sciences*, Cambridge v. 28, n. 5, p. 1-42, out. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0140525X05000129>. Acesso em: 10 ago. 2021.

TOMASELLO, M.; FARRAR, M. J. Joint attention and early language. *Child Development*, Washington, v. 57, p. 1454-1463, dez. 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1130423>. Acesso em: 10 ago. 2021.

VYGOTSKY, L. S. *Obras Escogidas*: Psicología infantil. Tomo IV. Madrid: Visor, 1996.

Artigo submetido em: 24 ago. 2023

Aceito para publicação em: 11 out. 2023

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.135070>